

REUNIÃO DO CONSELHO DE PRESIDENTES DA REDE INTERNACIONAL EURODEFENSE

Página 2

BÚSSOLA ESTRATÉGICA EM FOCO

Página 3

LACUNAS DE INVESTIMENTO NA DEFESA

Página 3

DEFESA AVANÇADA

Página 4

A NATO E O SUL DEPOIS DA UCRÂNIA

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE

Página 5

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM- PORTUGAL

Página 6



ENCERRAMENTO DAS TERTÚLIAS EDJ

No passado dia 31 de maio, assistimos à última Conferência da terceira edição das Tertúlias com a intervenção da Embaixadora Sofia Moreira de Sousa, Representante da Comissão Europeia em Portugal.

Perante uma audiência de mais de três dezenas de auditores, na maioria *on line*, a oradora apresentou o tema “As novas gerações na Europa” no contexto do Ano Europeu da Juventude que este ano se celebra, tendo sublinhado a importância dos projetos lançados pela Comissão Europeia destinados a dar oportunidades aos jovens para desenvolverem a sua formação e experiências europeias. Durante o debate foram abordadas importantes questões da atualidade, com relevância para a segurança e defesa europeia, as relações transatlânticas e a posição dos jovens europeus na defesa dos valores fundamentais da paz, da democracia e da liberdade face aos desafios, às crises e à dramática situação gerada pela guerra na Ucrânia. Nas palavras de encerramento, o Presidente da EuroDefense-Portugal Dr. António Figueiredo Lopes agradeceu a intervenção da Representante da Comissão Europeia em Portugal assim como a ampla participação no debate sobre um tema que é também o ponto de partida para a nova edição das tertúlias.

Recordando que este programa é sobretudo uma oportunidade oferecida às gerações mais jovens para expressarem as suas expectativas em relação ao projeto europeu e fazerem ouvir a sua voz sobre o futuro da Europa, concluiu agradecendo às dezenas de personalidades do mundo político, académico, empresarial e militar que, nos últimos dois anos, aceitaram vir aqui debater com os jovens as suas ideias sobre temas da atualidade. Do mesmo modo, manifestou o seu regozijo pela larga participação dos Jovens portugueses assim como de todos os membros e amigos da EuroDefense que, presencialmente ou *on line*, seguiram as Tertúlias e nelas participaram com visível interesse. Finalmente expressou reconhecimento e alto apreço pelo generoso trabalho de organização que esteve a cargo dos dirigentes da EuroDefense Jovem, sob a empenhada liderança do seu Coordenador Miguel Gomes.

Antes da Conferência, a Embaixadora Sofia Moreira de Sousa reuniu em privado com a Direção da EuroDefense-Portugal, representada pelo Presidente Dr. António Figueiredo Lopes, o Vice-Presidente Maj. General Agostinho Costa e o Secretário Geral Dr. José Alberto Pereira, tendo considerado o projeto das Tertúlias como uma iniciativa muito útil e convergente com os projetos europeus e disponibilizou-se para aprofundar novas formas de cooperação da Representação da Comissão Europeia com a EuroDefense-Portugal.

REUNIÃO DO CONSELHO DE PRESIDENTES DA REDE INTERNACIONAL EURODEFENSE

Nos dias 19, 20 e 21 de maio de 2022, decorreu nas instalações da École Militaire, em Paris, a reunião do Conselho de Presidentes da rede EURODEFENSE com a presença de representantes de 14 Associações nacionais”. A delegação do EuroDefense-Portugal foi composta pelo Dr. António Figueiredo Lopes, Presidente da Direção, Major-General Agostinho Costa, Vice-Presidente da Direção, Dr. José Alberto Pereira, Secretário-Geral da Direção, e o Dr. Miguel Gomes, Vogal da Direção e Presidente do EuroDefense-Jovem-Portugal.



REUNIÃO DO CONSELHO DE PRESIDENTES DA REDE INTERNACIONAL EURODEFENSE

A Agenda compreendia vários assuntos com destaque para a apresentação do ponto de situação dos vários grupos e observatórios em que se articula a rede EURODEFENSE assim como os relatórios de atividades das várias Associações EuroDefense apresentados pelos respetivos presidente. Este foi um espaço particularmente importante para a partilha de ideias e sugestões para as próximas atividades da rede.

O programa organizado pela EuroDefense-França compreendeu uma visita às instalações da AIRBUS DEFENCE & SPACE (Elancourt) onde foi possível conhecer os projetos em desenvolvimento e quais as preocupações do grupo em relação aos desafios atuais da segurança nos domínios aeronáutico e do espaço.

No último dia, todas as delegações participaram na Reunião Internacional EURODEFENSE dedicada ao tema “Solidarity and Efficiency”, apresentado por um painel moderado pelo presidente da EuroDefense-França, Jean Fournet e com intervenções por membros da EuroDefense e personalidades francesas, com destaque para Alain Richard, Senador e antigo Ministro da Defesa de França.

Reproduzimos o texto que serviu de base para o debate.

EURODEFENSE international meetings (19-21 May 2022) on the topic of “Solidarity and Efficiency”

1) European solidarity: an ever-growing necessity

While Europe has consistently put up a united front since Russia declared war on Ukraine on 24 February 2022, the conflict has seriously exacerbated the risks of instability on the continent and completely shifted the defence and security paradigm.

Russian hostilities came at a time when the European Union (EU) was putting the finishing touches to its “Strategic Compass” aimed at defining the external threats and dangers directly or indirectly menacing EU Member States (MS). Russian aggression embodies the behaviour of a once-great empire ready to go on the offensive to bring some of its former satellites back into the fold, with complete disregard for the international agreements that recognise and guarantee the independence of the States concerned.

To complete the picture, there are also factors such as hybrid and cyberattacks, fake news calculated to unsettle European public opinion and a disturbing tendency to renege on past promises.

The dangers from outside Europe are very real and make renewed solidarity a matter of necessity, naturally working in association with NATO, which has sprung back into prominence by virtue of Putin and his actions. But any association with NATO should not solely serve American military and industrial interests to the exclusion of all else. Within Europe, the most recent crises (economic, health, energy and

immigration) have flagged up the need to focus on intra-European solidarity and tackle the key issue of dependency on outside sources of supply. Similarly, it is now clear that the Europeans must work together on common, cross-cutting objectives, for example attempts to stem irrational use of the earth’s resources and to curb international crime (drug smuggling, human trafficking, money-laundering, illegal communications networks), to mention just two vital areas of action.

2) Solidarity based on converging national policies

Europe’s salvation can and must lie in greater solidarity and unity. In the past, in the fields of currency (the euro, ECB), trade (the impact of the single market), laws (precedence of European law, CJEU, ECHR), standards (GRPD), space (ESA, Galileo) and civil aeronautics (Airbus), Europe has shown that it is capable of concerted action. And all these developments have served to reinforce Europe’s internal cohesion and international capabilities.

The Strategic Compass will boost the European Union’s strategic autonomy. A stronger EU, with reinforced security and defence capabilities, will make a positive contribution to world and transatlantic security and will supplement NATO, which remains the backbone of its members’ collective defence, the two going hand in hand. The European Union needs to position itself as a key strategic protagonist within the Alliance with rapid coercive military and industrial capabilities, a shared culture, common plans and training exercises, the most similar possible conditions of engagement and operational command structures. The aim should not be to emerge as a dominant superpower but a military power capable of defending its own interests, protecting its citizens and contributing to world peace.

Russian hostilities will undoubtedly spur Member States into increasing their national defence budgets. This will logically shatter the peace dividend illusion and is inevitable, for events in Europe notwithstanding, the United States remain determined to target their defence policy essentially on the Indo-Pacific area in a bid to contain Chinese expansionism.

Greater awareness among Europeans should be flanked by efforts to “do better” through concerted action.

The issue of defence has clearly been gaining ground in Brussels. It is now time to encourage and coordinate the different initiatives not only to cover “conventional” types of warfare but also to combat “modern” forms of insecurity not waged on the battlefield but equally vital for the security of Europe and its peoples.

The real challenge is how to agree common approaches and decisions with regard to European defence to arrive at a form of sovereignty generally acceptable to Member States. A number of experts have suggested solutions such as those of relaxing the unanimity rule, creating a European Security Council, particularly including the principle of constructive abstention, and a Council of Defence Ministers independent of the General Affairs Council.

The final question concerns the extent to which Europe’s leaders are truly determined to counter the dangers of our modern world and therefore reinforce common European defence by broadcasting their intentions and educating their youth, rather than, as all too often, using the EU as a convenient scapegoat. Europe is not a soulless entity but an area that shares a **common destiny**. In the words of Josep Borrell, we need to “overcome our differences and develop a common understanding if we want to survive in today’s world”.

It can only be hoped that the war in Ukraine will be Europe’s wake-up call!

A GUERRA VOLTOU À EUROPA
Três razões pelas quais a UE não a esperava

[Ver mais](#)

A QUESTÃO DOS SOLDADOS RUSSOS REVISITADA

[Ver mais](#)

REVIGORANDO A BORDA DA NATO
Inovação Militar e o Conceito Estratégico

[Ver mais](#)

BÚSSOLA ESTRATÉGICA EM FOCO



A Bússola Estratégica foi adotada logo após a invasão russa do território ucraniano, um sinal claro que reafirma a necessidade de uma doutrina de segurança da UE. A defesa europeia está saindo de um domínio teórico para um operacional. A medida que a ordem liberal pós-Segunda Guerra Mundial é desafiada, as repercussões não se limitam à Europa, mas atingem também o Indo-Pacífico.

Aproximação em tempos de crise: guerra na Ucrânia e a parceria UE-Japão

A guerra na Ucrânia abalou os alicerces da segurança europeia e da ordem global baseada em regras. De muitas maneiras, a agressão da Rússia foi um alerta para a UE, acrescentando um senso de urgência à sua transformação em andamento para se tornar num ator geopolítico mais forte, materializado pela recente publicação da sua Bússola Estratégica.

Riscos crescentes: proteger a Europa com a Bússola Estratégica

A Bússola Estratégica orientará a direção da segurança e defesa da UE até 2030, e fá-lo fornecendo uma narrativa única sobre como, porquê e onde a UE deve agir para proteger os seus interesses e valores. A guerra da Rússia contra a Ucrânia exige que os Estados-membros da UE, em cooperação com a NATO, desenvolvam ainda

mais a capacidade da União de proteger a Europa.

A guerra na Ucrânia, a Bússola Estratégica e o debate sobre a autonomia estratégica da UE

A decisão de Putin de ordenar uma guerra brutal e não provocada contra a Ucrânia influenciou significativamente as avaliações geopolíticas finais e as diretrizes políticas codificadas na nova Bússola Estratégica da UE. Desde o seu lançamento, há dois anos, este importante “livro branco” de defesa e segurança teve que lidar com diferentes perspectivas na Europa sobre o grau de “autonomia estratégica” que a UE deveria procurar em termos do seu relacionamento com os Estados Unidos e, por extensão, a NATO. A guerra na Ucrânia unificou fortemente a NATO e repriorizou a sua tarefa central de defesa coletiva.

A NATO, a UE e o retorno da defesa coletiva

O retorno da defesa coletiva como o principal desafio estratégico enfrentado pela arquitetura de segurança da Europa após a renovada agressão da Rússia à Ucrânia em 2022, significa para a NATO, um retorno ao básico, saindo da postura de defesa coletiva 'leve' que foi implementada após 2014, para uma presença mais substancial na Europa Oriental. Até onde essa adaptação deve ir, no entanto, continua a ser visto, tanto em termos convencionais quanto nucleares.



Aproximação em tempos de crise: guerra na Ucrânia e a parceria UE-Japão



Riscos crescentes: proteger a Europa com a Bússola Estratégica



A guerra na Ucrânia, a Bússola Estratégica e o debate sobre a autonomia estratégica da UE



A NATO, a UE e o retorno da defesa coletiva



Anexo

Documento

Análise e Caminho a Seguir

Chefes de Estado ou de Governo da UE, reunidos em Versalhes em 11 de março, comprometeram-se a “reforçar as capacidades de defesa europeias” à luz da agressão militar russa contra a Ucrânia. Eles concordaram em:

- 1) Aumentar os gastos com defesa;
- 2) Intensificar a cooperação através de projetos conjuntos;
- 3) Fechar deficiências e atender aos objetivos de capacidade;
- 4) Impulsionar a inovação, inclusive por meio de sinergias civis/militares;
- 5) Fortalecer e desenvolver a nossa indústria de defesa, incluindo as PME's.

Além disso, convidaram “a Comissão, em coordenação com a Agência Europeia de Defesa, para apresentar uma análise das lacunas de investimento em defesa até meados de maio e propor qualquer outra iniciativa necessária para fortalecer a base industrial e tecnológica de defesa europeia.” A atribuição de tarefas também foi integrada na Bússola Estratégica de Segurança e Defesa adotada pelo Conselho e endossada pelo Conselho Europeu em março de 2022.



Ver mais

A guerra na Ucrânia pelos olhos da juventude

À medida que a guerra continua na Ucrânia, uma nova pesquisa descobriu que quase dois terços dos jovens na Europa temem que o conflito possa espalhar-se dentro da UE.

Mais de 60% dos inquiridos pensam que os países da UE deveriam gastar mais nas suas forças armadas e quase metade apoia a criação de um exército da UE. Embora a maioria não esteja interessada em que os países da UE tomem uma ação militar na Ucrânia se houver risco de conflito nuclear com a Rússia, há uma minoria considerável, de 44%, que apoiaria esse curso de ação.

Com os líderes da UE continuando a debater novas sanções e possíveis proibições às importações de energia da Rússia, mais de três quartos dos entrevistados disseram apoiar fortes sanções económicas contra a Rússia, enquanto três quartos dos que expressaram uma opinião disseram que a UE deve acelerar a transição para energias renováveis para depender menos de energia de fora da UE.



Uma nova abordagem para a defesa e dissuasão da NATO

A agressão em larga escala da Rússia contra a Ucrânia levou a um aumento sem precedentes na ameaça de um ataque russo à NATO. Isto requer uma mudança fundamental na abordagem da Aliança à sua política de defesa e dissuasão. Como parte do que a Aliança chama de “defesa avançada”, os aliados devem implantar forças no flanco oriental capazes de impedir um ataque russo desde o início. Para fortalecer a sua credibilidade de dissuasão, a NATO também deve encerrar oficialmente as suas restrições auto-impostas ao destacamento permanente de tropas no flanco oriental.

[Ver mais](#)


A guerra na Ucrânia terá um impacto generalizado na NATO, que deve adotar um novo conceito estratégico na próxima cúpula de Madrid em junho. A Europa de Leste será uma prioridade estratégica no caminho. No entanto, a Aliança não deve negligenciar outros desafios e prioridades, incluindo a preservação da estabilidade na sua vizinhança ao sul. Abrangendo desde o norte da África e o Sahel até os Balcãs e o Médio Oriente, o “Sul” da NATO continua repleto de vulnerabilidades crescentes – e não é imune à competição estratégica mais ampla com a Rússia e a China. Em vez de transformar a NATO numa entidade unidirecional, o futuro conceito estratégico oferece à Aliança uma oportunidade de reimaginar a sua abordagem em relação ao Sul.

[Ver mais](#)


Portugal deverá receber 16,6 mil milhões de euros em apoio não reembolsável e empréstimos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), a resposta sem precedentes da UE à crise desencadeada pela pandemia de coronavírus. Este montante corresponde a 2,3% de todo o PRR, e a 7,8% do Produto Interno Bruto (PIB) de Portugal em 2019. Há um forte foco na resiliência social, económica e ambiental do país, com medidas voltadas à cultura, habitação, saúde, respostas sociais amplas e gestão florestal e hídrica. As medidas relacionadas com a transição climática – incluindo ações-chave sobre a descarbonização da indústria e a eficiência energética dos edifícios – atingem pouco mais de 38 % da dotação.

[Ver mais](#)


Um elemento crucial da Autonomia Estratégica

A guerra da Rússia na Ucrânia deu início a uma nova era para a diplomacia económica, a segurança de suprimentos e os gastos militares da Europa. A guerra representa um desafio fundamental, e a UE também estabeleceu metas ambiciosas para a descarbonização e a digitalização.

A UE precisa de recalibrar a sua abordagem e centrar-se na (emergência de) indústrias-chave e fornecimentos essenciais, e fornecer infraestruturas críticas na Europa. O equilíbrio certo entre protecionismo seletivo e abertura ao comércio e ao investimento precisa ser alcançado. O objetivo da política industrial não deve ser produzir tudo em casa, mas preservar a capacidade de produção. Para o efeito, a Europa deve visar novos produtos ou tecnologias em vez dos existentes, reforçar a concorrência no mercado em vez de proteger os intervenientes e ajudar as empresas mais produtivas em vez das improdutivas. A UE poderia fazer isso com regulamentação estratégica, triagem de IDE, compras públicas e outras ferramentas, protegendo as políticas de interesses especiais e ineficiência.

[Ver mais](#)


Por que os acordos de Minsk foram condenados desde o início e quais as lições que eles ensinam

Antes de 24 de fevereiro de 2022, os acordos russo-ucranianos assinados na capital da Bielorrússia em 2014-2015 eram vistos por muitos observadores como um caminho para a solução do conflito de Donbas. No entanto, os acordos contraditórios de Minsk foram assinados sob coação. Ao contrário de uma crença comum mantida nos últimos sete anos, os vários documentos que o Kremlin forçou a Kiev no contexto das devastadoras derrotas militares ucranianas por forças regulares e irregulares russas em setembro de 2014 e fevereiro de 2015 não foram uma solução, mas parte do problema. Esses acordos violavam parcialmente o direito internacional, pois minavam princípios como a soberania política e a integridade territorial dos Estados, o não uso da força e a autodeterminação nacional. O acolhimento e a legitimação por vários Estados ocidentais efetivamente ajudaram a fazer transgressões mais permanentes que minaram o sistema internacional pós-1945. Os Acordos de Minsk também minaram implicitamente os padrões democráticos básicos. Eles constituíram instrumentos do Kremlin para colher os frutos da agressão militar inicialmente encoberta da Rússia contra a Ucrânia.

[Ver mais](#)

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE



A República Popular da China representa um imenso desafio para a União Europeia, unimaginável há apenas alguns anos. Este desafio surge num momento particularmente difícil. O ataque de Vladimir Putin à Ucrânia destruiu as suposições pós-Guerra Fria sobre a ordem de segurança pan-europeia. A pandemia do COVID-19 ainda está em fúria, impondo custos sociais e económicos muito reais aos países europeus. Os interesses de segurança da Europa estão ameaçados na Europa Oriental, Médio Oriente e África. As consequências do Brexit ainda não foram totalmente digeridas, embora a guerra na Ucrânia esteja forçando Londres e Bruxelas a trabalharem mais de perto em sanções e outros aspectos da política externa e de segurança.



A invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022 mudou significativamente o cenário de segurança na Europa, trazendo uma grande guerra convencional ao continente e ameaçando a segurança dos países europeus. A invasão também destacou a importância de dois desafios históricos para a segurança europeia: a falta de capacidade para realizar missões militares e a falta de vontade política. A vontade política é um componente importante da decisão de um estado de iniciar – e sustentar o uso da – força, embora não seja necessariamente um fator determinante no resultado da guerra. Quais são os principais fatores que aumentam ou diminuem a vontade política dos países europeus?



Dentro da sala de controle da gestão civil de crises

15 anos após a sua criação, encontramos-nos num bom momento para rever a Capacidade Civil de Planeamento e Conduta e fazer um balanço do seu desempenho, conquistas e fragilidades. Há uma tendência para pensar que as estruturas administrativas são o produto de um plano diretor que existia desde o início. Eles são, de certa forma, anónimos ou percebidos, na melhor das hipóteses, como resultado de um esforço coletivo. O desenvolvimento da PCSD tem sido uma combinação de aproximações a uma visão, mais ou menos coletivamente expressa, e sucessivos esforços de implementação que, por sua vez, ajudaram ainda mais na formação dessa visão e a transformaram em realidades concretas.



Catalisar o desempenho da NATO através da inovação

Catalisar o desempenho da NATO por meio da inovação sustenta a liderança política, fortalece a organização militar aliada e capacita a base industrial para oferecer uma vantagem tecnológica.

Como apoiar o trabalho contínuo de inovação em defesa da NATO, retratando os principais elementos de um futuro Ecossistema de Inovação em Defesa da NATO. Perante a próxima Cimeira de Madrid e o ambiente de segurança em mudança, a Aliança precisa de definir objetivos claros para o desenvolvimento futuro.

O que podemos esperar do novo Conceito Estratégico? Quais são as lições aprendidas desde o Conceito Estratégico de 2010? Como garantir a adaptação e resiliência da NATO no atual cenário de segurança?



Como a UE se pode tornar um ator global

As principais potências de hoje envolvem-se em políticas globais de tecnologia abrangentes. O armamento, domínio e controle das tecnologias digitais é o novo 'Grande Jogo'. Essas dinâmicas de poder estão ajudando a moldar as esferas tecnológicas de influência. Países da América Latina e Caribe, África e Indo-Pacífico – mas também na Europa Central e Oriental e nos Balcãs – caíram ou podem cair sob a influência ou domínio tecnológico chinês ou russo. A China está atraindo países para dependências tecnológicas para minar a sua soberania política por meio da sua iniciativa Digital Silk Road. Pequim também protege os seus próprios cidadãos da influência estrangeira com o seu "grande firewall" e desenvolve estratégias industriais para garantir a sua autonomia tecnológica em relação ao Ocidente.



Participação dos Cidadãos na EU

Em resposta às críticas sobre a falta de legitimidade democrática da União Europeia, a União tentou desenvolver formas de fazer com que os cidadãos se sentissem ouvidos e incluídos na tomada de decisões.

A Conferência sobre o Futuro da Europa, que já terminou, foi uma dessas tentativas destinadas a amplificar as vozes dos cidadãos da UE.

A Conferência não é o único jogo na cidade. Na verdade, a UE já oferece uma manta de retalhos de instrumentos da participação dos cidadãos. Um novo estudo conjunto do European Policy Center e da Bertelsmann Stiftung examina todas essas ferramentas em profundidade e descobre que, embora tenham muito potencial, a maioria é desconhecida, ineficaz e subutilizada.

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM-PORTUGAL



Nas últimas semanas, a EuroDefense-Jovem dinamizou mais duas Tertúlias EDJ, no dia 11 de maio, sobre a "Democracia Europeia", com o Dr. Paulo Sande. A última tertúlia deste programa foi no dia 31

de maio, presencialmente na sede da EuroDefense-Portugal, sobre "Novas Gerações na Europa" com a Representante da Comissão Europeia em Lisboa, Dra. Sofia Moreira de Sousa. Esteve presente a Direção do EuroDefense-Portugal e encerramento do programa pelo Dr António Figueiredo Lopes, Presidente da Direção.

Foram também publicadas no website da EuroDefense-Portugal várias reflexões produzidas pelos nossos membros sobre as mais variadas temáticas, bem como a iniciativa do Diário da UE em formato podcast nas nossas redes sociais.

Com o encerramento do ano letivo, durante os próximos meses a EuroDefense Jovem irá ter menos atividade, servindo os meses que se seguem para preparar o regresso do próximo ano lectivo 2022/23.



O papel das percepções erróneas

Apesar do que parecia ser um tremendo esforço do Ocidente para deter a agressão da Rússia contra a Ucrânia, o Kremlin iniciou uma invasão militar em grande escala através da fronteira ucraniana do norte, leste e sul. Esclarecer por que esses esforços de dissuasão não funcionaram como esperado pode fornecer informações úteis para a construção de estratégias mais eficazes para impedir a agressão da Rússia. Também permitiria ajustar futuras políticas de dissuasão contra a Rússia. A UE e a NATO devem considerar as suas percepções erróneas sobre a Rússia que minaram a sua capacidade de desencorajar política e militarmente a agressão da Rússia. Devem considerar quais ações alimentaram as percepções erróneas da Rússia sobre o Ocidente e encorajaram o Kremlin a lançar a sua invasão militar da Ucrânia.



O 'círculo de amigos' versus a estratégia do Indo-Pacífico

Embora a estratégia do Indo-Pacífico dos Estados Unidos tenha recebido muita atenção, muito menos análise foi dedicada aos esforços de construção de coalizões da China. No entanto, desde a ascensão de Xi Jinping à presidência, a ampliação do "círculo de amigos" da China tornou-se uma das principais prioridades de Pequim. Para a diplomacia chinesa, o objetivo é convencer um número máximo de países a apoiar as posições da China, tanto individual quanto coletivamente em nível multilateral,



A invasão da Ucrânia pela Rússia apresenta uma nova realidade política na qual os países europeus estão prontos para reforçar o seu papel na defesa do seu próprio continente. No entanto, eles devem concentrar-se na "responsabilidade estratégica" em vez da "autonomia estratégica", que permanece militar e politicamente irrealista.

Os europeus devem conceber os seus esforços em três etapas:

- (1) Mobilidade Militar;
- (2) Resiliência;
- (3) Dissuasão Europeia Aprimorada



A informação é importante na guerra do presidente russo Vladimir Putin contra a Ucrânia – um facto talvez mais dramaticamente ilustrado pelas narrativas conflitantes sobre as atrocidades da Rússia no subúrbio de Bucha, em Kiev. Lá, jornalistas cidadãos e meios de comunicação independentes provaram que as atrocidades foram perpetradas pelas forças russas, e a comunidade internacional condenou devidamente as ações da Rússia. E, no entanto, o Kremlin negou descaradamente qualquer envolvimento, desviando a atenção ao propagar imagens de soldados russos distribuindo pão noutros lugares da Ucrânia.